

A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?

STELA M. BORTONI
CHRISTINA A. GOMES
ELISABETE MALVAR¹
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Abstract

This study addresses a controversial issue of the implementation of the raising rule of the pretonic vowels /e/ and /o/ in Brazilian Portuguese. The phenomenon has been traditionally regarded as a case of vowel harmony. A strong influence of analogical processes affecting derived words has also been pointed out. More recent studies have suggested however that the rule is lexically implemented. The data for the present study come from the contemporary Portuguese spoken by informants from Brasília, and from Old Portuguese and the Galician. The quantitative analysis of the synchronic data has partially confirmed the two conditioning hypotheses that are couched within the Neogrammarian view of the phenomenon. The alphabetical ordering of the tokens however has revealed a residue of words in which the variation can only be taken into account by the Lexical Diffusion model of rule implementation. The qualitative analysis of the diachronic data has accordingly shown that in the process of evolution from Latin into Modern Portuguese words with pretonic /e/ and /o/ have followed two different tracks that can neither be explained by phonological conditioning nor by analogy: in some groups of words the pretonic vowel evolved into a categorical high or a categorical mid vowel, whereas in other groups the realization of the pretonic vowels has never become categorical.

1. INTRODUÇÃO

A implementação da mudança sonora tem sido objeto de discussão há, pelo menos, um século. Segundo a proposta mais tradicional, a dos neogramáticos, a unidade básica da mudança é o fonema. As mudanças são mecanicamente condicionadas por fatores fonéticos, que não admitem irregularidades. Por isso, elas são foneticamente graduais ou imperceptíveis e lexicalmente abruptas, pois atingem ao mesmo tempo todas as palavras que contêm o ambiente fonético que condiciona a mudança. As exceções são atribuídas à analogia e aos empréstimos lingüísticos. A partir da década de sessenta, os lingüistas sino-americanos Wang, Chen e Cheng (Chen & Wang, 1975; Wang & Cheng, 1977) apresentaram dados referentes à evolução de dialetos chineses que contrariavam o axioma da regularidade neogramática e retomaram uma posição que parecia esquecida: a de que o locus da mudança seria a palavra e não o som. Segundo eles, as irregularidades resultam de duas mudanças concomitantes, cada uma delas atingindo um grupo diferente de palavras. Neste modelo, referido como difusão lexical, as mudanças são consideradas foneticamente abruptas e lexicalmente graduais.²

Em um artigo clássico de 1981, William Labov argumenta que os dois paradigmas, aparentemente antagônicos, são conciliáveis desde que se leve em conta o âmbito de aplicação de cada um deles. Baseando-se em pesquisas de variação e mudança na cidade de Filadélfia, Labov demonstra que o modelo neogramático aplica-se às chamadas 'low level output rules'; já as regras fonológicas abstratas implementam-se por difusão lexical. Nestes casos ocorre cisão de fonema ("a lexical split into two phonemes, a distribution of two dictionary entries", Labov, op. cit. p. 287).

O tratamento dado à questão por Labov foi revisto recentemente por Oliveira (1991) para quem **qualquer mudança sonora é lexicalmente implementada**. Em suas pesquisas Oliveira parte das seguintes questões: a) o modelo difusionista para a análise da mudança sonora pode, ou não, incorporar algum tipo de condicionamento fonético? b) qual é o status das exceções como medida de avaliação dos modelos neogramático e difusionista? Considerando a fórmula $X \rightarrow Y / Z$, observa Oliveira que, se Z oferecer um ambiente fonético natural a Y, a mudança atingirá regularidade; caso contrário, esta regularidade não ocorrerá. O autor, que considera sua proposta mais radical que a de Chen e Wang, a sumaria nas três proposições seguintes: a) existem mudanças sonoras que não se enquadram no modelo neogramático; b) mudanças consideradas de natureza neogramática, quando reexaminadas, demonstram ter condicionamento lexical; c) o condicionamento lexical em mudanças

que já atingiram regularidade só é identificado por meio de uma análise diacrônica. Oliveira conclui sua exposição com um repto: se os neogramáticos não tinham controle da transição entre os diversos estágios da mudança, como poderiam provar que esta não era implementada lexicalmente?

Uma regra fonológica muito produtiva no português brasileiro que suscita controvérsia quanto à natureza de sua implementação é a variação - elevação e abaixamento - das vogais pretônicas médias /e/ e /o/. Começamos a estudar esta regra no dialeto emergente de Brasília em trabalho anterior (Bortoni et alii, 1990). Aqui retomamos a questão, com uma amostra ampliada, que inclui os falantes de classe média do primeiro trabalho e falantes de classe média baixa. Nosso propósito é examinar o condicionamento fonológico da regra, bem como a influência analógica que se dá via processo morfológico de derivação. Este exame é complementado pela observação detalhada dos dois corpora, organizados em ordem alfabética, uma busca de possíveis evidências de condicionamento lexical, e pela análise de dados do português arcaico, uma busca de informação sobre o processo de implementação da regra em fases anteriores da língua.

2. O DIALETO EMERGENTE DE BRASÍLIA

A situação de contato de dialetos regionais e sociais no Distrito Federal difere da situação de contato encontrada em outros centros metropolitanos no Brasil, porque em Brasília não existe um substrato predominante. De acordo com o censo de 1980, 31,6% da população local já nasceram no Distrito Federal; 67,6% são provenientes de outros estados e 0,9% são estrangeiros. Dos migrantes de outros estados, 30,7% vieram do Nordeste; 14,5% de Minas Gerais; 10,4% de Goiás; 5,2% do Rio de Janeiro; 2,4% de São Paulo; 1,7% da Região Sul; 1,1% da Região Norte e 1,5% de outros estados. Na última década aumentou muito a migração da população de baixa renda para a cidade, mas ainda não se sabe se essas proporções se alteraram.³

As primeiras pesquisas sociolinguísticas que se voltaram para o contato de dialetos em Brasília datam da década de oitenta. Bortoni-Ricardo (1985), em um estudo do processo de urbanização de migrantes rurais provenientes de Minas Gerais e radicados na periferia de Brasília, observou que os informantes que chegaram a Brasília antes dos doze anos de idade e nesta cidade freqüentaram escola, apresentavam uma incidência de traços dialetais não-padrão muito inferior à apresentada por seus parentes, que migraram para Brasília já adultos e não freqüentaram escola regularmente no Distrito Federal.⁴

Mais informações sobre esta tendência à perda das características dialetais nas novas gerações em Brasília vieram com a pesquisa de Hanna (1986), que trabalhou com oito famílias de classe média, quatro oriundas do Rio de Janeiro e quatro da Paraíba, nas quais comparou a linguagem dos pais e dos filhos. Estes últimos tinham, na ocasião, idade variando de 17 a 19 anos e haviam migrado para Brasília antes dos sete anos. Nas famílias cariocas a freqüência de realização do /S/ implosivo palatalizado foi de 68,4% para os pais e de 29,7% para os filhos. Nas famílias paraibanas foram examinadas duas variáveis regionais: a freqüência de abaixamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ foi de 65% e 17% para pais e filhos, respectivamente; a freqüência de realizações de /t/ e /d/ não africados diante de /i/ foi de 60,1% e 1,1% para pais e

filhos, respectivamente. Numa segunda fase da pesquisa foram gravados trinta jovens universitários nascidos em Brasília, cujos pais são naturais de quinze estados brasileiros e de três países estrangeiros. Foram examinadas quatro variáveis fonológicas que são típicas de falares regionais e foram obtidas as seguintes frequências médias: a) para a realização do /S/ implosivo alveolar: 90,08%; b) para a posteriorização do /R/ implosivo: 100%; c) para a realização das vogais pretônicas /e/ e /o/ como médias e altas: 97%; d) para a palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/: 100%. Estes resultados apontam para um incipiente processo de formação de acento local, caracterizado pela ausência dos traços regionais ou rurais mais marcantes. Hanna (op. cit.) sugere que esta pronúncia se assemelha à dos noticiários das redes nacionais de televisão.

Os resultados referentes às vogais pretônicas foram corroborados em um estudo recente (Bartoni et alii, 1990). Em um corpus de 1547 ocorrências da pretônica /e/, recolhido de seis informantes da classe média nascidos e criados em Brasília, as três variantes: [i], [e], [é] - apresentaram, respectivamente, as seguintes frequências: 28%, 69% e 03%. Se excluirmos dos 44 itens que foram realizados com a variante baixa as palavras que têm acento subtônico, no qual a pretônica é categoricamente realizada aberta em todas as variantes do português brasileiro (e.g. completamente, levezinho, pertinho, etc.), a percentagem de realização da variante abaixada cai para 1,6%.

A hipótese da formação incipiente de um falar local em Brasília foi reforçada por um estudo de atitudes realizado por Melo (1988), em que se procurava descobrir: a) se os habitantes de Brasília de classe média e classe baixa identificam variedades regionais e b) se suas reações subjetivas a essas variedades indicam uma escala subjacente de prestígio. Cento e vinte habitantes de Brasília, de classe média e baixa, ouviram seis gravações de um mesmo texto, realizadas por falantes adultos, do sexo masculino e de classe média alta, nascidos e residentes em diferentes regiões, e as avaliaram numa escala semântica diferencial de 5 pontos. Os valores médios atribuídos às seis variedades foram os seguintes: Recife: 2,97; Goiânia: 3,21; Rio de Janeiro: 3,44; Porto Alegre: 3,50; Jundiá (SP): 3,85; Brasília: 4,31. Os ouvintes-juizes não associaram consistentemente a gravação feita pelo falante brasiliense a qualquer cidade, mas atribuíram a ela a melhor avaliação, aferida de duas maneiras diferentes.

Em que pese seu caráter preliminar, esses estudos parecem indicar que está em curso em Brasília um processo de difusão dialetal, a par de um processo de focalização dialetal (no sentido conferido aos termos por Le Page, 1980). A idade de migração dos falantes e o prestígio que gozam as diferentes variedades na região parecem ser mais influentes nestes processos que o percentual de falantes das diversas regiões na composição da população local. É um dos objetivos do presente trabalho reunir mais dados sobre o processo de formação de um falar brasiliense.

3. ESTUDOS SOBRE AS VOGAIS PRETÔNICAS⁵

A tradição filológica de estudos do fenômeno da variação das vogais pretônicas no português o atribui a uma regra de harmonização vocálica, por meio da qual a vogal pretônica média é assimilada à vogal seguinte alta (Sousa da Silveira, 1964; Silva Neto, 1977). A par do fenômeno de assimilação regressiva, estudos mais recentes identificaram outro processo de teleologia articulatória que diminui as diferenças articulatórias entre as vogais e as consoantes adjacentes (Abaurre-Gnerre, 1981; Bisol, 1981).

Além desses condicionamentos de natureza fonética, os pesquisadores têm atentado também para a influência do processo morfológico derivacional, que Carvalho (1969) denomina consciência etimológica da derivação e Houaiss (1958), entre outros, regularização morfológica. Este fenômeno, de natureza analógica, faz com que as vogais pretônicas /e/ e /o/, associadas a /é/ e /ó/ tônicos, respectivamente, em palavras cognatas, tendam a conservar-se foneticamente mais próximos dessas vogais tônicas, resistindo à elevação.

Entre os autores que se dedicaram à questão, há aqueles cuja análise se enquadra perfeitamente no modelo neogramático (Carvalho, 1969; Bisol, 1981; Callou & Leite, 1986; Medeiros Maia, V.L., 1986; Silva, 1989, entre outros). Outros autores aduzem fatores condicionadores que não são contemplados neste modelo (Houaiss, 1958; Révah, 1958; Viegas, 1987), e, finalmente, Oliveira (1991) interpreta o fenômeno exclusivamente como difusão lexical.

Antônio Houaiss (1958) refere-se ao papel de uma restauração erudita - no que é corroborado por Révah (1958) - a qual, por via ortográfica, estaria preservando as vogais médias. Este autor inclui ainda o fator frequência lexical na análise, ao observar que as palavras comuns estão mais sujeitas à elevação que palavras raras. Finalmente, observa que em estilo coloquial a elevação é mais freqüente que em estilos formais. Viegas (1987) observa que a regra de elevação das pretônicas afeta primeiro os itens lexicais mais freqüentes.

Bisol (1981) realiza um minucioso estudo da elevação das pretônicas /e/ e /o/ em quatro variedades gaúchas, usando o paradigma da regra de variação, desenvolvido por Labov, D. Sankoff e outros. Segundo Bisol, a harmonia vocálica é basicamente um fenômeno de assimilação regressiva, mas além da influência da vogal seguinte - que é o principal -, outros fatores condicionam a realização da regra de variação, que se aplica principalmente àquelas vogais pretônicas que são átonas permanentes, isto é, que não estão paradigmaticamente associadas a vogais tônicas baixas.

Com relação à elevação do /e/, Bisol observa que o ambiente mais favorável é o da vogal homorgânica alta na sílaba seguinte (a alta não-homorgânica /u/ tem influência menor). Uma consoante velar e uma palatal seguinte favorecem a aplicação da regra, que é inibida pela presença de uma consoante alveolar ou labial contínuas. O estudo mostra ainda que a vogal nasal /ẽ/ e a seqüência /es/ em posição inicial estão mais sujeitas à elevação que as demais ocorrências da vogal. Esta informação corrobora a hipótese diacrônica de contaminação de prefixos, defendida por Naro (1971). Segundo Naro, a elevação das vogais pretônicas em Portugal deve-se a dois processos: generalização pela imagem de espelho, para a posição pretônica, da elevação das átonas finais /i/ e /u/, consolidada ao final do século dezoito; e confusão ou contaminação do prefixo en- > in-, com o prefixo erudito in-, e de eis- ou es-, derivado de ex-, com ens-, derivado de ins-. O resultado foi a alternância de en-~ in- e de es-~ ens-~ ins-~ is- em posição inicial. Outra fonte de alternância, de acordo com Naro, foi a prótese das vogais e ~ i ao grupo consonântico inicial formado por s+consoante.

Com relação à elevação de /o/, Bisol constatou que qualquer das vogais altas, na sílaba contígua seguinte, favorece igualmente a aplicação da regra. Os ambientes consonânticos favorecedores são consoante labial vizinha, palatal seguinte e velar precedente. As consoantes alveolares inibem a aplicação da regra.

Outra pesquisa quantitativa é a de Silva (1989), que examina a altura das vogais pretônicas em Salvador. A autora identificou três regras, a saber: uma regra categórica de timbre, que atribui o traço [+baixo] às vogais pretônicas seguidas por qualquer vogal na sílaba contígua, exceto /e/ e /o/; uma regra variável de elevação, de caráter supra-regional, que atua no contexto de vogais e sob certas condições e uma regra variável de timbre, que é restrita ao repertório de um grupo social que tem muito contato com os falares do centro-sul e que a autora interpreta como um caso de interferência dialetal.

Oliveira (1991), levando em consideração dados levantados por Viegas (1987), propõe-se a examinar se a elevação das vogais pretônicas seria um fenômeno neogramático ou de difusão lexical. O autor começa por analisar o condicionamento fonético da regra. Para o alçamento do /o/, considera como ambientes favorecedores uma consoante obstruente precedente e uma consoante nasal seguinte. As consoantes sonorantes precedentes são consideradas ambiente desfavorecedor. Para o /e/, são ambientes favorecedores uma vogal alta seguinte, a ausência de segmento precedente quando a sílaba pretônica é travada por alveolar fricativa ou a vogal pretônica é nasal e uma sonorante na sílaba seguinte. Os fatores desfavorecedores são uma obstruente precedente e vogal [-alta] na sílaba seguinte.

Em seguida, compara duas listas de palavras, a primeira com palavras em que a vogal média é categoricamente realizada no dialeto de Belo Horizonte (comício, tomada, pomar, cometa, bonina, mendigo, semente, medita, preciso (adjetivo), sensível, etc.) e a segunda onde a vogal alta é categórica (comida, tomate, pomada, começo, bonito, mentira, semestre, medida, preciso (verbo), sentia, etc.). Constatada a ausência de regularidade fonética, Oliveira conclui que está diante de um caso de difusão lexical.

4. A PESQUISA

Para analisar os possíveis condicionamentos das regras de elevação e abaixamento no dialeto de Brasília, foram considerados os seguintes ambientes estruturais:

1) **vogal da sílaba seguinte:** a elevação de pretônicas é definida por diversos autores (cf. seção 3) como um processo de harmonização vocálica, que tem como influência principal a presença de vogal alta na sílaba seguinte. É nossa expectativa que a elevação seja favorecida diante da vogal alta, e o abaixamento, naqueles ambientes que desfavorecem a elevação, ou seja, na presença de vogal baixa na sílaba seguinte.

2) **ambiente fonológico precedente:** Foram considerados os seguintes fatores:

- a) posição inicial de palavra
- b) consoante labial
- c) consoante alveolar
- d) consoante palatal
- e) consoante velar.

De acordo com os resultados obtidos por Bisol, espera-se que a elevação seja favorecida na presença de consoantes que tenham articulação alta: palatais e velares. Já a vogal em início de palavra, sem travamento silábico, mostrou ser ambiente

refratário à elevação no dialeto carioca (cf. Callou e Leite, 1986b). No caso do /o/, a elevação nesse ambiente praticamente não existe. No corpus de Callou e Leite, há registro de elevação nessa posição: [u]rigem. É interessante pesquisar se esse ambiente favorece o abaixamento de e e o. Ainda, segundo Bisol, a consoante alveolar deverá desfavorecer a elevação. Testaremos o efeito desse ambiente quanto ao abaixamento.

3) **ambiente fonológico seguinte:** Foram considerados os seguintes contextos:

- a) consoante labial
- b) consoante alveolar
- c) consoante palatal
- d) consoante velar
- e) vogal
- f) /S/
- g) /R/⁶

A postulação de hipóteses referentes às consoantes precedentes aplica-se igualmente às consoantes do ambiente seguinte. Com relação à labial, espera-se que esta favoreça a elevação do o, segundo os resultados encontrados por Bisol, por haver entre a vogal alta /u/ e a consoante labial o traço comum de labialidade.

O hiato parece ser um ambiente favorecedor da elevação de e e de o. Historicamente, o *ĩ*, que deveria dar em português e, evolui para /i/, na posição de hiato, tanto em sílaba tônica como em sílaba pretônica (cf. Coutinho, 1984:105; *incendium* > *incêndio*, *diã* > *dia*).

Os travamentos silábicos por /S/ e /R/ foram considerados isoladamente em função da importância que esses ambientes mostraram ter em outros dialetos. No dialeto carioca o padrão silábico #es e a seqüência /des/ apresentaram realização categórica com [i]. Além disso, Naro (1971) atribui como uma das causas da elevação de pretônicas no português de Portugal a confusão ou contaminação de prefixos (cf. seção 3).

O travamento silábico por /R/ tem se mostrado favorável ao abaixamento de vogais em alguns dialetos (cf. Callou & Leite, 1986).

4) **tonicidade subjacente:** As vogais foram classificadas quanto à tonicidade da seguinte maneira:

- átona permanente: são aquelas que não se associam a vogais tônicas em palavras cognatas.
- átona eventual: aquelas que se associam a vogais tônicas em palavras congatas.
- formas verbais: aqueles casos em que a raiz apresenta alomorfes, nos quais a vogal ora se realiza como alta, ora como média, ora como baixa (e.g., eu durmo, ele dorme, ele dormiu ou durmiu).

Além desses fatores estruturais, foram considerados o sexo dos falantes, a classe social e a origem dos pais.

Os dados para esse trabalho foram obtidos de 14 informantes, sendo 7 homens e 7 mulheres, cujas idades variavam de 11 a 38 anos. Doze deles nasceram e se criaram no Distrito Federal. Uma informante de 38 anos é natural do Rio de Janeiro, e está radicada no Distrito Federal desde 7 anos de idade. Um outro, de 14 anos, nasceu em Goiânia, e mudou-se para o Distrito Federal aos 4 anos.

Com relação à classe social, trabalhamos com dois grupos, definidos em função de ocupação profissional e tipo de escolaridade. Distinguimos nesse grupo os fatores classe média alta e classe média baixa. Os 6 entrevistados de classe média baixa são funcionários públicos de baixo escalão (motorista de Ministério, auxiliar de copa, agente de portaria), ou filhos de pessoas que possuem estas características. Moram nas cidades satélites de Sobradinho e Planaltina. Os 4 informantes de Planaltina residiam inicialmente em Sobradinho, estando em Planaltina há 4 anos. Os 8 entrevistados de classe média são profissionais liberais ou funcionários públicos (professores da Fundação Educacional-DF) ou filhos de pessoas com estas características, e têm escolaridade regular. Desses, 4 moram no Plano Piloto, 1 em Taguatinga e os restantes em Sobradinho.

A origem dos pais foi controlada para se observar a possível interferência de características de outros dialetos no tratamento das pretônicas. Foram considerados dois grupos:

- a) pais de origem de dialetos do centro-sul
- b) pelo menos 1 dos pais de origem nordestina

Os dados foram analisados por meio do programa Goldvarb (versão 2.0), que é uma adaptação do programa Varbrul, desenvolvido por David Rand e David Sankoff no Centre de Recherches Mathématiques da Universidade de Montreal.

As tab. 1 e 1a a seguir apresentam os resultados percentuais e os resultados probabilísticos dos grupos de fatores analisados para a elevação e abaixamento de /e/ e /o/ pretônicas:

TABELA 1
Variação de [e]: efeito da vogal seguinte

	Alta	Média	Baixa
[i] (n=531)	36%	58%	05%
[u] (n=163)	59%	37%	04%
[ĩ] (n=58)	71%	16%	14%
[ũ] (n=52)	60%	38%	02%
[e] (n=369)	18%	80%	02%
[o] (n=293)	11%	85%	04%
[ẽ] (n=148)	24%	67%	09%
[õ] (n=26)	42%	46%	12%
[é] (n=98)	31%	14%	55%
[ó] (n=196)	38%	27%	35%
[a] (n=468)	18%	57%	26%
[ã] (n=146)	24%	71%	05%

TABELA 1a
Resultados em probabilidades: efeito da vogal seguinte

	Elevação [i]	Abaixamento [e] + [é]
[i]	.82	.33
[u]	.62	.43
[ĩ]	.97	.61
[ũ]	.94	.12
[e]	.26	.15
[o]	.19	.29
[ẽ]	.49	.54
[õ]	.30	.73
[é]	.57	.95
[ó]	.45	.90
[a]	.32	.80
[ã]	.32	.38

A ordenação dos fatores é oposta para as duas regras. A elevação é favorecida pela presença de vogais altas orais e nasais na sílaba seguinte, enquanto esses mesmos ambientes, com exceção de /ĩ/, desfavorecem o abaixamento. Da mesma maneira, médias e baixas desfavorecem a elevação, excetuando /é/, que favorece ligeiramente a elevação, enquanto as médias não favorecem nenhuma das regras.

Diante do inesperado efeito de /ĩ/ e /é/, conferimos todos os casos com esses ambientes na lista de palavras. Há 58 dados que têm /i/ na sílaba seguinte; desses, 9 apresentaram abaixamento. Esses itens são: certinha (2), levinha (2), pertinho (2), serrinha (2), panelinha (1). O caso parece configurar interação entre os fatores vogal seguinte e tonicidade subjacente, já que o abaixamento decorre da correlação morfológica e não da presença do /ĩ/. O favorecimento da elevação pelo /é/ na sílaba seguinte pode ser explicado se considerarmos o efeito de outro fator. No corpus há 30 casos de elevação num total de 98 dados, seguidos de /é/. No entanto, desses 30 casos, 18 estão em posição inicial, em sílaba travada por /S/ ([i]screve, [i]sp[é]rava, [i]sp[é]cial, [i]spera, [i]spero, [i]ster), ambiente altamente favorecedor da elevação (v. Tab. 2 e 2a). Novamente estamos diante de um fenômeno de interação entre duas variáveis.

TABELA 2
Variação do [e]: efeito do segmento anterior

	Alta	Média	Baixa
Labial (n=609)	13%	73%	14%
Alveolar (n=1020)	13%	70%	17%
Palatal (n=196)	52%	40%	08%
Velar (n=176)	17%	61%	22%
Pos. Inicial (n=547)	71%	26%	02%

TABELA 2a
Resultados em probabilidades: efeito do segmento anterior

	Elevação [i]	Abaixamento [e] + [é]
Labial	.36	.59
Alveolar	.29	.60
Palatal	.86	.37
Velar	.37	.72
Pos. Inicial	.85	.20

Conforme observa-se nas tabelas, a posição inicial de palavra e a presença de palatal são ambientes favorecedores da elevação de e. O abaixamento é favorecido pela presença de alveolar, velar e labial. Não se confirmou a hipótese, baseada em Bisol (1981), de que as consoantes velares favorecem a elevação.

A posição inicial não é ambiente exclusivo de elevação. Os percentuais são 71% para alta, 2% para baixa e 26% para média. No entanto, o estudo detalhado da lista de palavras revela que somente em um ambiente há concorrência das duas regras. Os dados encontram-se distribuídos da seguinte maneira:

TABELA 2b
Distribuição dos dados em posição inicial de palavra

	Alta	%	Média	%	Baixa	%	Itens Léxicos
/ẽ/	119/160	74	41/160	26	0/160	-	enfermeira, ensino, emprego, encarar, etc.
/es/	259/287	83	28/287	17	0/287	-	escola, escrever, explicar, expor, expressar, etc.
/e/	13/100	13	74/100	74	13/100	-	alta: enorme, existir, exagero, etc. baixa: ecológico, educacional, errar, etc.
TOTAL	391/547		143/547		13/547		

No caso de sílaba formada somente por e, há elevação com vogal baixa na sílaba seguinte (exagero, enorme), e abaixamento com vogal na sílaba seguinte (educacional).

Todas as ocorrências do verbo entrar foram com vogal média. Alguns itens figuram categoricamente com a vogal alta: ensino e escola.

TABELA 3
Variação do [e]: efeito do segmento seguinte

	Alta	Média	Baixa
Labial (n=301)	23%	61%	15%
Alveolar (n=1127)	19%	68%	13%
Palatal (n=198)	19%	64%	17%
Velar (n=337)	27%	58%	15%
/R/ (n=146)	01%	75%	23%
/S/ (n=382)	77%	21%	02%
Vogal (n=57)	30%	53%	18%

TABELA 3a
Resultados em probabilidades: efeito do segmento seguinte

	Elevação [i]	Abaixamento [e] + [é]
Labial	.60	.50
Alveolar	.40	.55
Palatal	.26	.60
Velar	.58	.53
/R/	.05	.76
/S/	.87	.18
Vogal	.75	.48

A elevação é favorecida pela presença de consoante labial, consoante velar, pelo /S/ e em hiato. No caso do primeiro fator não existe motivação fonética que justifique este resultado. Observe-se ainda que consoante palatal, a se levar em conta o condicionamento articulatorio, deveria favorecer a elevação como a velar, o que não ocorre.

Em relação ao travamento por /S/, há no corpus somente 7 casos de abaixamento (2%): **manifestar**, **nordestino**, **prestar** e **festinha**, este último sem outra possibilidade de realização do e. A seqüência /des/ apresenta realização categórica com a vogal alta. Cabe ressaltar a situação do item **vestibular**, que possui os mesmos ambientes de **vestir/vestido**, todos favoráveis à elevação - presença de /i/ na sílaba seguinte, sílaba travada por /S/ -, e apresenta realização categórica com vogal média (0/13) enquanto **vestir/vestido** apresentam ocorrências com a vogal alta (3/4). Podemos estar diante de evidência de condicionamento lexical, uma vez que não se identifica qualquer explicação neogramática para este fenômeno.

O hiato é também um ambiente favorável à elevação. No dialeto de Brasília, há a ocorrência das duas regras somente quando o hiato é formado por e seguido de a. Os dados do corpus são:

a) realização categórica [i]:

baseados
balanceados
Ceará
ccarense
passeata
teatro
embregem
real
realmente
realize

b) realização categórica [e]:

c) realização variável [e ~ é]:

O abaixamento, no último grupo, pode ser explicado pela presença do /R/. Outros estudos confirmam essa tendência (Callou e Leite, 1986b). A realização categórica nos dois primeiros grupos não se explica por condicionamento fonológico. Novamente,

podemos estar confrontando casos de condicionamento lexical, que ocorre no âmbito do ambiente do hiato.

O abaixamento é favorecido pela presença de consoante alveolar e travamento silábico por /R/. Conforme já mencionamos, a presença de /R/ aparece como favorecedor do abaixamento também no dialeto carioca.

TABELA 4
Variação do [e]: efeito da tonicidade subjacente

	Alta	Média	Baixa
Átona permanente (n=1691)	37%	51%	12%
Formas verbais (n=558)	13%	76%	10%
Átona eventual (n=299)	11%	68%	21%

TABELA 4a
Resultados em probabilidades: efeito da tonicidade subjacente

	Elevação [i]	Abaixamento [e]+ [é]
Átona permanente	.57	.47
Formas verbais	.44	.46
Átona eventual	.22	.68

O fator Átona Permanente favorece a elevação e desfavorece o abaixamento. O efeito do fator Átona Eventual é justamente o oposto. Em ambos os casos encontra-se uma explicação analógica contemplada no modelo neogramático.

TABELA 5
Variação do [o]: efeito da vogal seguinte

	Alta	Média	Baixa
[i] (n=238)	28%	66%	06%
[u] (n=80)	20%	79%	01%
[ĩ] (n=21)	52%	29%	19%
[e] (n=235)	25%	74%	—
[o] (n=134)	02%	93%	04%
[ẽ] (n=40)	18%	68%	15%
[õ] (n=02)	—	100%	—
[é] (n=88)	35%	23%	42%
[ó] (n=38)	—	32%	68%
[a] (n=316)	07%	59%	34%
[ã] (n=63)	02%	92%	06%

TABELA 5a
Resultados em probabilidades: efeito da vogal seguinte

	Elevação [u]	Abaixamento [o] + [ó]
[i]	.85	.39
[u]	.80	.13
[ĩ]	.97	.65
[e]	.74	.05
[o] + [õ]	.02	.38
[ẽ]	.45	.69
[é] + [ó]	.72	.94
[a]	.22	.86
[ã]	.18	.45

É interessante observar que todas as vogais, com exceção do [o], [õ], [a], [ã] e [ẽ], estão favorecendo a elevação de [o]. O abaixamento, por sua vez, é favorecido pelo [ĩ], pelo [ẽ] e pelas baixas. Não se identifica claramente o efeito de harmonização vocálica neste dialeto. Cabe, entretanto, observar que as palavras no corpus que apresentam o pretônico seguido de alta anterior nasal são *escolinha* e *sozinho*, ou seja, exatamente aqueles casos que apresentam acento subtônico com preservação do timbre aberto da palavra cognata. Ainda a nasal [ẽ] favorece o abaixamento (cf. Silva, (1989:4)). O efeito favorecedor desse ambiente foi observado no dialeto de Salvador.

TABELA 6
Variação do [o]: efeito do segmento anterior

	Alta	Média	Baixa
Labial (n=213)	16%	68%	16%
Alveolar (n=389)	12%	63%	24%
Palatal (n=35)	11%	86%	03%
Velar (n=498)	26%	63%	10%
Pos. Inicial (n=103)	---	81%	19%
Vogal (n=18)	---	67%	33%

TABELA 6a
Resultados em probabilidades: efeito do segmento anterior

	Elevação [u]	Abaixamento [o] + [ó]
Labial	.61	.48
Alveolar	.17	.71
Palatal	.74	.11
Velar	.71	.36

Verifica-se que as consoantes palatais, velares e labiais favorecem a elevação. A alveolar favoreceu o abaixamento. Não houve elevação de [o] em início de palavra.

TABELA 7
Variação do [o]: efeito do segmento seguinte

	Alta	Média	Baixa
Labial (n=360)	27%	55%	18%
Alveolar (n=496)	07%	75%	18%
Palatal (n=81)	36%	60%	04%
Velar (n=107)	—	78%	22%
/R/ (n=101)	14%	64%	22%
/S/ (n=65)	23%	75%	02%
Vogal (n=46)	61%	35%	04%

TABELA 7a
Resultado em probabilidades: efeito do segmento seguinte

	Elevação [u]	Abaixamento [o] + [ó]
Labial	.68	.51
Alveolar	.30	.57
Palatal	.74	.19
Velar	.32	.55
Vogal	.99	.05

A elevação é favorecida pela labial, palatal e o hiato, enquanto a alveolar e a velar favorecem o abaixamento. Para efeito do cálculo probabilístico, o travamento silábico por /S/ foi incluído nas alveolares e o travamento silábico por /R/ incluído nas velares.

TABELA 8
Variação do [o]: efeito da tonicidade subjacente

	Alta	Média	Baixa
Átona permanente (n=725)	18%	64%	17%
Formas verbais (n=331)	17%	71%	12%
Átona eventual (n=200)	14%	65%	22%

TABELA 8a
Resultados em probabilidades: efeito da tonicidade subjacente

	Elevação [u]	Abaixamento [o] + [ó]
Átona permanente	.53	.48
Formas verbais	.46	.45
Átona eventual	.42	.62

A situação observada para a vogal e repete-se aqui. A elevação é favorecida em sílabas átonas permanentes e o abaixamento em sílaba átona eventual.

Os resultados referentes aos fatores extralingüísticos são modestos. Interessávamos, na análise desses fatores, os resultados de abaixamento uma vez que a elevação é regra supra-regional. Tanto no abaixamento do *e* como no abaixamento do *o*, as mulheres apresentam probabilidade ligeiramente superior à dos homens, $M = .51$ e $H = .49$, respectivamente, para *e*, e $M = .51$ e $H = .48$, para *o*.

Não se constatou efeito do grupo de fatores Origem dos Pais. Os resultados para classe social, contudo, podem ser indicativos de um processo em andamento, qual seja, os falantes de classe média baixa estariam incorporando a variante abaixada, enquanto, na fala dos informantes de classe média, a variante abaixada restringe-se praticamente aos casos de acento subtônico. Os resultados do abaixamento de *e* para classe média e classe média baixa foram respectivamente 9% e 19%, e probabilidades, .48 e .52. Para *o*, os resultados percentuais são 33% e 8% para classe média baixa e classe média e os resultados probabilísticos .53 e .48 respectivamente.

Esta interpretação se baseia no fato de que o grande contingente de nordestinos no Distrito Federal reside nas cidades satélites e compõe segmentos de baixa renda. Se a hipótese se confirmar em trabalhos futuros, com amostra ampliada, estaremos verificando a transformação de uma variável de natureza regional em variável de natureza social.

5. UMA VISÃO HISTÓRICA DO PROBLEMA

A elevação das vogais médias pretônicas é um processo antigo no português. Na gramática de Fernão de Oliveira (1536) já aparece registro de alternância entre *e-i* e *o-u* pretônicos. Em trabalhos específicos sobre o português arcaico (Huber, 1986; Maia, 1986; Mattos e Silva, 1989), a elevação de *e* e *o* pretônicos é descrita em termos de ambientes condicionadores. Os ambientes favorecedores da elevação de *e* são: posição inicial de palavra (igreja < *ē*cclesia); seguido de som palatal (milhor < *mē*lliore); em hiato (lion < *lē*one); seguido de vogal alta na sílaba seguinte (vistir < *vē*stire). Os ambientes condicionadores da elevação de *o*, apontados pelos autores, são: posição inicial de palavra (Uliveira); seguido de palatal (mulher < *mū*liere); seguido de vogal alta na sílaba seguinte (custume < *cū*stuetudinis); antecedido ou seguido de labial (Subrado, numeado). Além do condicionamento fonético, Maia e Mattos e Silva citam casos de elevação de *e* e de *o* que não se enquadram em nenhum condicionamento: **lugar**, **curazō**, **suterrar**, **cunfujon**. Maia destaca ainda a evolução de *e>i* e *o>u* em alguns verbos (estevesse > *estivesse*, fezerō > *fizerão*, cōprir > *cumprir*) como casos de analogia com o *i* tônico da primeira pessoa do pretérito perfeito (cf. Bortoni et alii, 1990).

O presente estudo apresenta uma análise qualitativa do fenômeno, aprofundando a questão no período do português arcaico. Os textos que serviram de base para coleta de dados fazem parte da coletânea publicada por Maia (1986), na obra 'História do galego-português - Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal - desde o século XIII ao século XVI'. O livro apresenta um estudo comparativo entre o galego e o português na fase arcaica, a partir de documentos notariais inéditos publicados pela autora. Há documentos das quatro províncias galegas: La Coruña (C), Lugo (L), Pontevedra (P), Orense (O), e do Minho (M) e Douro Litoral (DL), na parte de Portugal. A análise qualitativa apresentada em nosso trabalho prende-se a observações feitas a

Os registros encontrados para e e o pretônicos no galego e no português confirmam a presença da variação nesse período. Além disso, os dados demonstram a presença de ambientes condicionadores de ordem fonológica.

O processo de elevação existe no galego e no português desde o século XIII. Um fato que se nos apresenta relevante é que alguns itens apresentam registro só com e e o até meados do século XIV nos documentos do Douro-Litoral. São eles: **molher**, **logar**, **egreja**. No galego o registro com u e i desses itens é mais antigo. É possível pois que a implementação da mudança tenha sido distinta para esses itens nos dois dialetos considerados.

A análise do corpus levou-nos a identificar três grupos distintos de palavras. O primeiro é composto de palavras em cuja grafia se alternavam a vogal média e e a alta i (grupo A), e que eliminaram a variação no português contemporâneo consolidando-se com o i categórico. Do segundo grupo (grupo B), fazem parte palavras que apresentavam variação e a mantiveram no português contemporâneo do Brasil. Finalmente, há um terceiro grupo (grupo C) cujas palavras já não apresentavam variação e não apresentam elevação no português do Brasil.

Algumas questões se colocam na tentativa de interpretação do comportamento distinto desses três grupos. Por exemplo: que fatores interferiram nesse resultado? A análise de ambientes fonológicos análogos não esclarece a questão. Vejamos o que ocorre para esses itens léxicos. As listas a seguir foram elaboradas a partir dos dados coletados, e enriquecidas com dados retirados de gramáticas históricas.⁸ Comparem-se:

GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C
irmão (< germanus)		herdamento (< ex-herdatio)
idade (< aetātis)	rial (< regale)	herdade
igreja (< ecclesia)	lial (< legale)	erranças (< errantia)
igual (< aequalis)	milhor (< meliore)	
diante (< de+inante)	obidiente (< obēdiente)	
criar (< creare)	podiria (< potere)	
piolho (< pēdūcūlum)		

Observe-se que, em posição inicial, **germanus** e **herdade** têm ambientes semelhantes. Como se vê, para ambientes idênticos houve resultados diferentes de mudança.

Na posição de hiato observa-se situação semelhante à observada em posição inicial. No português arcaico, esse ambiente parece ser bastante favorecedor da elevação. Há novamente ambientes semelhantes e resultados diferentes de mudança. Os hiatos criados a partir da queda de consoantes intervocálicas (/g/, /d/) têm comportamentos distintos. **Peduculum** segue o mesmo processo de **creare**, enquanto **real** e **leal** situam-se em outra classe. Não foi encontrado registro de elevação de vogais pretônicas em hiatos resultantes da queda de n intervocálico.

A análise indicou, igualmente para o o, que grupos diferentes de palavras sofreram processos diferentes de evolução. Identificamos novamente três grupos. No primeiro (grupo A), os itens apresentavam variação no português arcaico, e passaram a ter realização categórica com /u/ no português contemporâneo. No segundo (grupo B), a

variação observada no português arcaico manteve-se no português contemporâneo brasileiro. E o terceiro grupo (grupo C) apresenta palavras sem possibilidade de elevação atualmente e com registro categórico de *o* no português arcaico. A lista a seguir coteja itens com ambientes fonológicos análogos:

GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C
mulher (< mŭliere)	colher (< cochlear)	notario (< notārius)
cunhado (< cognato)	colher(v.) (< cōlligere)	outorgar (< auctoricare)
suspeitar (< sŭspectare)	costume (< consuetumine)	
cumprir (< complere)	cobrir (< cooperire)	
ruído (< rŭgĭtu)	descobrir (< discooperire)	
cuidar (< cōgitare)	comunal (< communalis)	
lugar (< localis)		

Os itens **costume** e **comunal** aparecem grafados com *u* em ambos os dialetos, a partir do século XIII. Por outro lado, **suspeitar** aparece registrado sempre com *o*. Esta mesma situação observa-se para **cumprir**. Maia registra apenas duas formas com *u*: **cŭplindo** (1500 O 90) e **cŭprir** (1500 O 90). A autora argumenta que não é possível atribuir a elevação do *o*, neste caso, somente à presença da vogal alta na sílaba seguinte, pois em outras formas verbais que não possuem esse condicionamento também houve a evolução para *u*: **cuberta, descuberta, cumplare**, conforme registrado nos documentos estudados. Nesse caso, Maia explica a presença de *u* nessas formas a um processo análogo em relação às formas que apresentavam *i* na flexão: *cooperio* cubro; *cumpleo* > *cumplo*, e daí **cuberto, cumprir**, etc. (cf. Maia, op. cit., p. 402:403). Mas nesses exemplos a causa poderia ser a presença da consoante labial como ambiente fonológico seguinte. O importante a ser frisado é que, apesar de apresentarem os mesmos ambientes, **cumprir** passou a ter realização categórica com *u*, o mesmo não tendo ocorrido com **descobrir** e **cobrir**.

Os dados apresentados até agora possibilitam algumas conclusões a respeito da implementação da mudança lingüística. Se, por um lado, existe motivação fonética para a alternância *e*~ *i* e *o*~ *u* na posição pretônica, o resultado final da mudança não é regular. Para ambientes semelhantes temos resultados diferentes no processo. Os itens **mulher, lugar, suspeitar, cumprir, cunhado, cuidar, ruído, irmão, igreja, idade, igual, criar e piolho** situam-se na classe de realização categórica de uma das variáveis, enquanto outros itens com ambientes semelhantes mantiveram a variação no português do Brasil. No caso de *e*, houve a concorrência de outra regra no português de Portugal, a que transforma a vogal *e* em [*ə*]. Os dados parecem sugerir que a variação de vogais pretônicas no português arcaico era motivada foneticamente mas implementava-se lexicalmente.

Aqueles fatores que impediram que a mudança atingisse a regularidade, situando todos os itens léxicos com os mesmos ambientes na mesma classe, continuam obscuros. Convém retomarmos aqui a proposta de Oliveira, apresentada sucintamente na introdução desse trabalho, para verificar até que ponto ela pode subsidiar a compreensão do fenômeno. Segundo Oliveira, as palavras que serão atingidas primeiramente numa mudança do tipo *X* → *Y* / *Z* são aquelas que apresentam as seguintes características:

- X ocorre em palavra comum
- Z oferece um ambiente fonético natural
- X é parte de uma palavra que ocorre em estilos informais de fala.

Comparando-se **colher** e **mulher**, observa-se que ambas apresentam o mesmo ambiente favorável à elevação, pertencem ao vocabulário comum, e podem pertencer a estilos informais de fala. O mesmo paralelo pode ser traçado entre **cumprir** e **descobrir**.

Além do fator estilístico, Oliveira aduz nas suas conclusões dois outros que poderiam proteger uma palavra de sofrer uma mudança sonora, a saber: nomes próprios e reação de classe social. Os dados levantados não confirmam a observação quanto a nomes próprios (e.g. Subrado, Suariz, Gunçalves, Lianor, Briatriz). No que diz respeito à avaliação social, cabe a referência de um registro sobre o fenômeno encontrado na 'Ortografia da Língua Portuguesa' de Duarte Nunes de Leão (1576). O autor apresenta uma lista onde são corrigidas algumas palavras realizadas com **i** e **u** pretônicos, como formas que a gente vulgar usa e escreve mal, a saber: cileiro, disforme, fugareiro, mialheiro, milho, milhória, mulher, rindeiro, tisouro (cf. Leão, op. cit., p. 163:168). A correção desses itens léxicos revela um fenômeno de sanção social. O que merece relevo é o fato de que, mesmo havendo uma avaliação desfavorável de alguns casos, a mudança acabou atingindo alguns itens (note-se que **mulher** faz parte da lista).

Em suma, os dados do português arcaico por nós reunidos sustentam, em parte, a hipótese de Oliveira que diz que toda mudança sonora é implementada lexicalmente. No entanto, como vimos, uma hipótese dessa amplitude merece ser testada com outros fenômenos, bem como com o aprofundamento do estudo das vogais pretônicas, acrescido de novos dados.

6. CONCLUSÃO

Era nosso propósito nesse trabalho examinar o condicionamento fonológico e a influência analógica, nas regras de elevação e abaixamento das médias pretônicas no português. Ao fazê-lo, pudemos identificar alguns grupos de palavras cujo comportamento é infenso a estas explicações de natureza neogramática. Apontamos estes casos como possível evidência de condicionamento lexical.

Igualmente, na análise dos dados do português arcaico e do galego, procuramos identificar condicionamento lexical no processo diacrônico. Na comparação de três estágios desse processo (latim, português arcaico e português contemporâneo do Brasil), é interessante constatar que certos grupos de palavras com **e** e **o** pretônicos evoluíram para a realização categórica com vogal alta ou média, enquanto outras continuaram sujeitas à variação.

Em resumo, apresentamos, neste trabalho, evidências que argumentam a favor da interpretação neogramática do fenômeno estudado, como, por exemplo, a regra de harmonização vocálica na elevação do /e/ e a influência analógica da morfologia derivacional na variação de ambas, mas fomentamos a inquietação do leitor, apresentando dados que aparentemente não são explicados por esse modelo.

Fica, então, de pé a polêmica levantada por Oliveira, à espera de outros trabalhos que certamente virão.

NOTAS

¹Colaborou também na coleta de dados Poliana Alves.

²Uma descrição didática e detalhada dos dois modelos é encontrada em Tarallo (1990), capítulos 3 a 5.

³Pesquisa por amostragem, ainda não concluída, e divulgada sucintamente no 'Correio Braziliense' de 7 de abril de 1991, informa que o Distrito Federal possui 1.722.190 habitantes, 41% dos quais são brasileiros de nascimento. 11% da população é oriunda de Minas Gerais e 8% de Goiás.

⁴Considerando-se as quatro regras variáveis estudadas - a vocalização da lateral palatal, a redução dos ditongos crescentes átonos finais e a concordância verbal de primeira e terceira pessoas do plural - as freqüências da variante padrão de cada regra para o grupo dos jovens (que chegaram a Brasília antes dos doze anos) e para o grupo dos migrantes adultos foram, respectivamente: 81% e 49%; 84% e 34%; 82% e 48%; 88% e 53%.

⁵Em Bortoni et al. (op. cit.) são resenhados sucintamente diversos estudos sobre as vogais pretônicas no português arcaico e contemporâneo.

⁶A realização fonética de /R/ em travamento de sílaba não foi considerada na codificação. Sabemos todavia que a variedade mais freqüente no falar dos brasileiros é a fricativa velar surda.

⁷As informações dadas entre parênteses são, respectivamente: P = Pontevedra; L = Lugo; DL = Douro Litoral; M = Minho, número do documento.

⁸. cf. J.J. Nunes e Ismael de Lima Coutinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE-GNERRE, Bernadete. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 2. Campinas, p. 23-43, 1981
- BISOL, Leda. **Harmonia vocálica: uma regra variável**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. 332 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1981
- BORTONI-RICARDO, Stella M. **The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil**, Cambridge: Cambridge University Press. 1985
- BORTONI, Stella M. Dialect contact in Brasília. **International journal of the sociology of language**, 89, p. 47-59. Mouton de Gruyter, Berlin.
- BORTONI, Stella, GOMES, C., MALVAR, E. et al. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 5, 1990, Recife. Trabalho apresentado... Recife: UFPE, 1990. 16 p.

- CAGLIARI, Luis Carlos. Investigando o ritmo da fala. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 5, 1980, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: PUC, 1980 290-304.
- CALLOU, Dinah e LEITE, Yonne. Variação das vogais pretônicas. In: SIMPÓSIO-DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1, 1986, Salvador. Atas... Salvador: UFBA, 1986 p. 157-169.
- CALLOU, Dinah. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos lingüísticos e literários*, 5, n. 1, Salvador, pp. 151-162, 1986.
- CARVALHO, José Herculano de. Nota sobre o vocalismo antigo do Português: valor dos grafemas E e O sílaba átona. p. 74-103, *Estudos lingüísticos*, Coimbra: Atlântida, v. 2, p. 74-103, 1969.
- CHEN, M., WANG, W.S-Y. Sound Change: actuation and implementation. *Language*, v. 51, n. 2, p. 255-281, junho, 1975.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed., Rio Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- HANNA, Elizabeth S. *Difusão e focalização dialetal: o caso de Brasília*. Brasília: Unb, 1986, Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília.
- HOUAISS, Antônio. Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADO NO TEATRO, 1958, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: MEC, 1958. 498 p., p. 217-317.
- HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, v. 57, n. 2, p. 267-308, junho, 1981.
- LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística românica*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- LEÃO, Duarte Nunes de. *Ortografia e origem da língua portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983. (Primeira edição: 1576/1606)
- LE PAGE, Robert. Projection, focusing and diffusion. *York papers in linguistics*, v. 9, p. 9-31, 1980.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- MAIA, Vera L. M. Vogais pretônicas médias na fala de Natal. *Estudos lingüísticos literários*, 5, n. 1, Salvador, p. 209-225, 1986.
- MATEUS, Maria Helena Mira e et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra Almedina, 1983.
- MATTOS E SILVA, Rosa V. *Estruturas trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

- MELO, Djalma C. **Atitudes lingüísticas e as variedades regionais de fala no Brasil**. Brasília: UnB, 1988. 125 p. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília.
- NARO, Anthony J. The history of e and o in Portuguese : a study in linguistic drift **Language**, v. 47, n. 3, p. 615-45, setembro, 1971.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- NUNES, José J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. 5. ed. Lisboa Clássica, 1956.
- OLIVEIRA, Marco A. The neogrammarian controversy revisited. **International journal of the sociology of language**, Berlin, v. 89, p. 93-105, 1991.
- REVAH, I. S. L 'evolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1, 1958, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: MEC, 1958, 498 p., p. 387-402.
- SILVA, Myrian Barbosa da. **As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. Tese (Doutorado), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SILVA NETO, Serafim. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1977. (Primeira edição 1950).
- SOUSA DA SILVEIRA, A. F. de. **Lições de português**. Rio de Janeiro: Presença, 1964 (Primeira edição 1950).
- TARALLO, Fernando. **Tempos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1990.
- VIEGAS, Maria do Carmo. **Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística**. Belo Horizonte: UFMG, 1987. 231 p. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
- WANG, W. S.-Y. **The lexicon in phonological change**. The Hague: Mouton, 1977.
- WANG, W. S.-Y., CHENG, C-C. Implementation of phonological change: the Shuang-feng Chinese case. In: Wang, W. S.-Y. (ed.) **The lexicon in phonological change**. The Hague: Mouton, 1977. p. 148-158.